Diário de bordo

Viva a diferença!



Roberto Rodrigues*

A PEQUENA variação do PIB brasileiro no primeiro trimestre de 2013 anunciada pelo IBGE acendeu uma luz amarela para o Governo. Parece que finalmente caiu a ficha: o modelo de crescimento baseado no consumo – sem investimentos que garantam o aumento da produção para atender a demanda – realmente não se sustenta no longo prazo. Sem investimentos e sem produção, o aumento do consumo tem que ser atendido por importações, e isso acaba gerando desindustrialização, o que leva a desemprego e alguma estagflação, cenário inteiramente indesejável para um ano pré-eleitoral, durante o qual o Governo precisa mostrar serviço, sem permitir que a economia desande. Todo mundo sabe que o maior cabo eleitoral é a economia: se ela vai bem, reeleição na certa; se vai mal, as coisas se complicam.

Analistas políticos que observam o cenário eleitoral brasileiro têm repetido que não vai dar tempo de a economia desandar até outubro de 2014 – data das eleições para presidente, governadores, parte do Senado e para a Câmara Federal e Assembleias Legislativas estaduais. E, mais ainda, argumentam que, mesmo que a macroeconomia tenha problemas – como inflação, por exemplo –, isso não afetaria duramente a renda da maioria dos eleitores, e os benefícios do Bolsa Família e assemelhados compensariam com sobra eventuais perdas da classe média, de modo que a reeleição estaria garantida. Mas, asseguram que os reflexos para o segundo mandato poderiam ser sombrios, criando dificuldades para o Governo manter-se nas eleições seguintes, de 2018. É claro que tudo isso é especulação, e, como dizia Tancredo Neves, política é como nuvem: muda de dez em dez minutos...

Apesar disso, a tal luz amarela acendeu mesmo, e o Governo resolveu atacar a questão dos investimentos em infraestrutura e logística, gargalo apontado pelos especialistas há mais de quinze anos e relegado a plano secundário pelos diferentes mandatários ao longo de todo este tempo.

Antes tarde do que nunca! Espera-se, agora, que as concessões para rodovias e ferrovias aconteçam, bem como os portos sejam finalmente modernizados, após o difícil debate sobre esse tema nas últimas semanas de maio.

Também é claro que, mesmo que a pesada burocracia permita agilização das concessões, o final das obras levará ainda alguns anos, de modo que o gargalo logístico continuará a sacrificar o crescimento do agronegócio, setor que, por sinal, mais uma vez impediu que o PIB deste primeiro trimestre tivesse crescimento negativo ou nulo.

Com efeito, a variação do primeiro trimestre de 2013 sobre o último de 2012 foi de 0,6% – decepcionante. A indústria caiu 0,3%; os serviços cresceram 0,5%; e a agropecuária aumentou 9,7%! Pena que o PIB da agropecuária seja pouco mais de 5% do PIB total do País, de modo que seu sucesso espetacular não possa influenciar mais positivamente o conjunto. Mas, vale lembrar que o PIB do agronegócio todo representa 23% do nacional e depende destes 5%. Portanto, o peso relativo do campo é bem maior.

E como se explica isso? Fácil: tivemos uma safra recorde de soja com preços altos, puxados pela seca americana do ano passado. Simples assim? Nem tanto. Essa explicação ficaria ainda mais evidente se a comparação fosse entre o PIB do primeiro trimestre do ano passado e o deste ano: cresceu 1,9%, mas o PIB do agro cresceu 17%, enquanto a indústria caiu 1,4%!

Mas, se compararmos o total dos últimos quatro trimestres com os quatro anteriores, o crescimento do PIB seria de 1,2% apenas e o do agro, de 3,9%. Nesse caso, a diferença determinada pela soja desapareceria.

Portanto, há outra explicação – até porque o agro tem crescido sempre mais do que o total –: é tecnologia, inovação, investimento em conhecimento. Foi isso o que fizeram nossos órgãos de pesquisa e que os produtores rurais aplicaram.

Essa é a verdadeira razão: o setor agropecuário fez um ajuste duríssimo depois dos planos de estabilização da economia, baseado em inovação e gestão. Isso fez a diferença em favor do setor. ■

*Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e embaixador da FAO para o Ano Internacional do Cooperativismo